

**HISTÓRIAS DA PRODUÇÃO ALIMENTAR: resistências e mudanças nos hábitos
alimentares**

**Montes Claros/MG
2024**

Gabriela Leal Freitas Campos
Luanne Charlene Muniz Santa Rosa
Flavia Tailane Ferreira Santos

Prof Ms Fabiano Cordeiro César

**HISTÓRIAS DA PRODUÇÃO ALIMENTAR: resistências e mudanças nos hábitos
alimentares**

Relatório apresentado à 7ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Ms Fabiano Cordeiro César

Montes Claros/MG

2024

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os processos de transformação dos hábitos alimentares no Norte de Minas Gerais entre 1970 e 2020. Parte-se da hipótese de que os interesses das indústrias alimentícias moldaram uma dinâmica histórica caracterizada pela dependência dos supermercados, influenciada pela estrutura agrária do país, pela modernização agrícola e pelo acelerado processo de urbanização ao final do século XX. A oralidade foi adotada como metodologia, permitindo a análise de diversas narrativas e memórias sobre as resistências e experiências relacionadas às mudanças. Embora a modernização tenha impactado profundamente os hábitos alimentares, o passado se apresenta como um elemento mobilizador de resistências às transformações no presente.

Palavras-chave: Hábitos Alimentares, Oralidade, Memória, Resistências

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	5
2 OBJETIVO GERAL	6
3 METODOLOGIA	7
4 RESULTADOS OBTIDOS	9
5 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
REFERÊNCIAS	12



1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O que gerou mudanças nos hábitos alimentares no Norte de Minas entre os anos de 1970 e 2020? O que significou a diminuição, ou a perda, em diversos casos, dos quintais produtivos nas cidades? Duas questões objetivas que descortinam diversas memórias e histórias, ou metaforicamente, abrem estradas em direção a diversos temas.

O desafio de refletir sobre as mudanças nos hábitos alimentares é grande. Ele abre reflexões sobre a política de preços dos alimentos, o mundo do trabalho, a migração, a pauta da reforma agrária e as fragilidades sociopolíticas que a falta de alimentos gera. Tivemos muitos caminhos para trilhar, porém, com um objetivo muito específico: analisar os processos que geraram mudanças nos hábitos alimentares no Norte de Minas entre os anos de 1970 e 2010.

O Norte de Minas Gerais vivenciou uma profunda experiência de transformação dos espaços rurais na segunda metade do século XX, com a introdução dos monocultivos de eucalipto, avanço dos projetos agropecuários e de irrigação, como o projeto Jaíba. Esses projetos modificaram o espaço para atender aos interesses do capital internacional, gerando matéria-prima para o mercado externo: carne, frutas, carvão, celulose e, mais recentemente, mineração. Commodities comerciais que modificaram os espaços em favor do capital internacional, resultando em uma produção agrícola voltada para demandas externas. Como salienta Milton Santos, foi uma "produção do espaço necessário aos grandes capitais"(2008, p.21)

Seguindo o raciocínio de Santos (2008), podemos afirmar que, no Norte de Minas, foi implantado um projeto que atendia às premissas de uma agricultura "científica globalizada", que buscou "produtos escolhidos segundo uma base mercantil". Essa racionalização das práticas levou a uma certa homogeneização do espaço.

Como os agricultores lidaram com essas transformações? Como a cidade lidou com essas transformações? Pensar as experiências sociopolíticas a partir desse processo histórico foi o desafio da pesquisa. Elencamos o espaço ruurbano¹ como o locus da

¹ Entendemos o conceito de **ruurbano**, a partir de Milton Santos (2008). Uma fusão dos termos "rural" e "urbano", utilizado para descrever territórios e contextos onde as características rurais e urbanas coexistem e se entrelaçam. Outro autor fundamental para o debate do conceito foi José Eli da Veiga (2002). O autor questiona as definições tradicionais de urbano e rural e apresenta a ideia de que muitas áreas consideradas urbanas no Brasil possuem características rurais, desafiando a maneira como o país mede e compreende seu grau de urbanização. Esse termo surge para desafiar a dicotomia tradicional que separa o espaço urbano do rural, reconhecendo que, na prática, muitas áreas apresentam uma combinação de elementos de ambos os contextos.



pesquisa, uma vez que, as relações entre campo e cidade são tão profundas que não é possível dissociar uma da outra.

Analisar as mudanças dos hábitos alimentares no norte de Minas é um esforço de questionar, no presente, a perda da soberania alimentar, e buscar, coletivamente, gerar consciência social sobre o que foi perdido no passado. Em um painel de práticas alimentares do passado, o que mais fica evidente? A diversidade alimentar. E no presente? A homogeneização da indústria alimentícia.

Refletir sobre a perda da soberania alimentar é um esforço que busca desvendar um mundo cultural que foi alterado, de forma silenciosa, muitas vezes, sem conflito ou resistência. Taxativamente classificado como o caminho da modernidade². A modernidade e seus discursos obtiveram o êxito de criar novos hábitos alimentares dependentes.

Como destaca Raymond Williams³(1979), a linguagem foi alterando práticas culturais. E isso não foi diferente nos hábitos alimentares. As propagandas sobre alimentos industrializados, os ordenamentos municipais, interesses imobiliários que diminuíram o tamanho dos terrenos e a lógica do consumo, todos esses discursos contribuíram para novos hábitos alimentares dependentes.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo do projeto é analisar as transformações nas formas de produção e nos hábitos alimentares no Norte de Minas Gerais entre 1970 e 2020, investigando as relações de poder, a perda de soberania alimentar e os impactos da globalização e modernização agrícola sobre as comunidades locais.

2.2 Objetivos específicos

2 Um autor importante que analisa a modernidade como discurso é Michel Foucault. Em sua obra *A Arqueologia do Saber* (1969) e em outros trabalhos, Foucault explora como a modernidade é construída através de discursos que moldam e regulam o conhecimento, as práticas sociais e as relações de poder. Ele argumenta que a modernidade não é apenas um período histórico, mas uma construção discursiva que define e organiza o que é considerado verdadeiro, normal e legítimo em diferentes contextos sociais.

3 Raymond Williams discute a linguagem como ação na obra *Marxismo e Literatura*, publicada em 1977. Nesse livro, Williams desenvolve o conceito de linguagem como prática material, abordando a linguagem como uma forma de ação social e cultural, em vez de ser apenas um reflexo da realidade.



- Investigar os fatores históricos, econômicos e sociais que contribuíram para a perda dos quintais produtivos e da autonomia alimentar nas cidades do Norte de Minas.
 - Analisar a influência da modernização agrícola e da indústria alimentícia na transformação dos hábitos alimentares da região.
 - Examinar as memórias e narrativas das comunidades locais sobre as mudanças nos hábitos alimentares, utilizando a História Oral para compreender resistências, silêncios e enfrentamentos.
 - Refletir sobre as contradições entre a produção em larga escala de alimentos e a permanência de cenários de vulnerabilidade alimentar nas áreas urbanas e rurais.
 - Explorar as relações entre globalização, soberania alimentar e as dinâmicas territoriais no Norte de Minas, buscando identificar alternativas para o fortalecimento da soberania alimentar.

3 METODOLOGIA

Propomos como caminho metodológico a oralidade. A proposta do trabalho passa pela obrigatoriedade de ouvir as pessoas. Se queremos investigar as mudanças dos hábitos alimentares, pensar processos de resistência, enfrentamentos ou silêncios, é fundamental ouvir.

Posto isso, trabalhamos com a História Oral de vida como percurso metodológico. Esse caminho possibilitou pensar as experiências dos sujeitos históricos que vivenciaram as mudanças, como se relacionaram com elas, se tiveram consciência e que memória eles articularam para refletir o tema.

Para Sebe a História Oral de Vida,

(...) oferece a chance de condução argumentativa para o convidado, que, cada vez mais, pode ser protagonista da própria narrativa e atuar como colaborador. É por isso que são valorizados os estímulos; em vez de perguntas diretas, eles apresentam-se como ideal do diálogo. Entende-se estímulos como um conjunto amplo de questões que abrem para que o colaborador exerça seu papel de narrador, dono da própria história. Os estímulos favorecem as escolhas e isso é vital para os trabalhos de memória. (2021, p. 63)



Seguindo essa compreensão, para Portelli a história oral é “uma arte da escuta” (2016, p.12) que apresenta um conjunto de relações, dentre elas: “a relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória)” (2016, p.12). Ou seja, essa possibilidade dialoga com a nossa proposta de relacionar os tempos para pensar e refletir as experiências de soberania alimentar do passado que foram desarticuladas no presente.

Por meio da oralidade vamos compreender as funções da memória nesse processo. A memória, enquanto projeto de poder, desempenhou o papel de resistir às mudanças ou foi usada como estratégia de legitimar os novos hábitos alimentares vinculados à grande indústria alimentícia? No livro *História e Memória*, Jacques Le Goff, um renomado historiador francês, explora o conceito de memória a partir de uma perspectiva histórica e social. Para Le Goff, a memória não é apenas uma capacidade individual de recordar o passado, mas um fenômeno coletivo e cultural que desempenha um papel central na construção das identidades e das narrativas históricas de uma sociedade (1996).

Le Goff argumenta que a memória é seletiva, moldada por fatores sociais, políticos e culturais. Ela não é uma simples repetição do passado, mas uma reconstrução que é influenciada pelo presente e pelas necessidades da sociedade. A memória coletiva é, portanto, um campo de disputas, (1996) onde diferentes grupos sociais lutam para impor suas próprias versões do passado. E é nesse campo de disputa que analisamos as mudanças dos hábitos alimentares.

Os alunos-pesquisadores selecionaram membros de suas comunidades familiares para realizar as entrevistas, o que permitiu retornos frequentes aos entrevistados sempre que novas questões⁴ surgiam no grupo de pesquisa, retomando-se a escuta atenta. Esse movimento foi fundamental para refletir sobre a memória como um campo de disputas. No total, realizamos dezenove entrevistas, que, em conjunto, possibilitaram uma compreensão mais aprofundada do problema pesquisado. As entrevistas foram conduzidas entre novembro de 2023 e julho de 2024. As entrevistas e as análises foram

4 Um roteiro foi elaborado pelo grupo de pesquisa. As entrevistas começaram após a apresentação do projeto e incluíram as seguintes perguntas: Qual é o seu nome? Qual é a sua idade? Onde você nasceu? Que trabalho você, seus pais e avós desempenharam? Havia produção de alimentos na sua família? Você tinha consciência da importância de produzir alimentos? O que fez parar de produzir alimentos? Você prefere o passado ou o presente? Por quê? Após as análises das entrevistas, pensando na especificidade de cada entrevistado, os alunos-pesquisadores elaboravam novas questões, o que possibilitou o retorno da entrevista. Todas as entrevistas foram elaboradas e conduzidas pelos alunos pesquisadores.



realizadas de forma concomitante, o que se mostrou essencial para o aprimoramento do trabalho dos alunos-pesquisadores.

4 RESULTADOS OBTIDOS - Minha Avó, sua avó e nossas avós - memórias da infância - Dona M. de L. - 80 anos

Nossa primeira entrevistada é a senhora M. de L. Passou sua infância na atual cidade de Luislândia, norte de Minas Gerais. Quando criança essa cidade era povoado de Brasília de Minas. Dona Maria concedeu a entrevista dentro da sua residência, localizada no bairro Morrinhos. Relatos das experiências que viveu na infância e adolescência, não somente vinculados ao tema da pesquisa, mas também ao universo cultural que marcou sua infância. Dois pontos são significativos: o primeiro é o fato de não terem um pedaço de terra para cultivar seu alimento; o segundo, as condições de trabalho do pai.

Vejamos partes do relato.

Naquela época morávamos em um povoado, muito pobre e sem recurso nenhum. Nascida de uma família muito pobre, era um tempo muito difícil pra gente. Muito difícil mesmo. Passava até fome. Realmente eu passei necessidade, fome com meus irmãozinhos. A cidade não tinha recursos. Meu pai não achava serviço. Meu pai fazia gamelinha pra vender. Fazia cocho, que era para os animais comer. Fazia essas coisinhas pra vender pra comprar o alimento.

Eu quando tinha a idade de 10 anos ia pra casa das pessoas mais ricas, que tinha mais condição, varrer uma casa, um quintal, lavar as vasilhas e pegar água no rio para ganhar um prato de comida. Naquela época foi difícil demais minha infância.

Não tínhamos lugar pra plantar nada. Morávamos em uma taperinha. E não era da gente, não tinha quintal e nem nada.

Meu pai, quando chegava fazendeiros de outra cidade para pegar pessoas e levar para as fazendas para trabalhar, meu pai ia. Ficava meses lá pra ganhar um dinheirinho. Quando ele ia para essa fazenda trabalhar ele pegava um dinheiro pra deixar comida pra nós. Mas enquanto ele não pagasse esse dinheiro, que era a dívida, ele não ganhava dinheiro pra trazer pra casa. Muitas vezes passava muito tempo, e a saudade era muita, e demorava para pagar aquela conta que ele fez, ele voltava pra casa sem dinheiro.

(...) Antigamente as frutas eram puras. Não usava agrotóxicos. Alimento muito sadio mesmo. Já hoje usa muito e as pessoas ficam doentes. (...) Eu creio que muitas doenças que aparecem na gente vem desses venenos que colocam aí. Naquela época as pessoas não adoeciam tanto. Hoje não. (L., Entrevista, 2024)

Os seguintes temas aparecem no relato: falta de acesso à terra, condição de insegurança alimentar, trabalho infantil e trabalho análogo à escravidão. Quando conjugados, constroem um panorama social de profunda fragilidade. A consequência: o



pai de Dona Maria de Lourdes acaba submetido a uma condição de trabalho análogo a escravidão.

É importante compreender os processos de mudanças dos hábitos alimentares dentro de uma profunda teia de relações políticas. A insegurança alimentar no passado não gerava apenas fome: desencadeava problemas no mundo do trabalho. Na esperança de alimentar a família, o pai tornou-se vítima de uma dívida que nunca consegue pagar.

É importante mencionar que essa situação aconteceu com muita regularidade no norte de Minas. Não apenas nas fazendas: crianças eram trazidas das roças para serem babás nas cidades, muitas vezes sem acesso à escola e sem pagamento. Segundo Moreira (2020), o contexto histórico e socioeconômico do Norte de Minas Gerais, do final do século XX, contribuiu para a persistência do trabalho análogo à escravidão na região, como a pobreza extrema, a falta de oportunidades de emprego e a vulnerabilidade social. (2020). O autor analisou os desafios persistentes no combate ao trabalho escravo. Segundo ele, é fundamental a construção de políticas públicas eficazes, destacando a necessidade de um enfoque integrado que aborde as causas estruturais do problema.

Nesse sentido, retomamos o relato da nossa entrevistada: “*Não tínhamos lugar pra plantar nada*”. Uma das causas estruturais é a má distribuição de terras no Brasil, problema que não gera apenas insegurança alimentar, como já vimos. Posto isso, compreendemos que o desafio de analisar as mudanças dos hábitos alimentares não se encontra apenas nas cidades e na perda dos quintais produtivos, mas na própria estrutura agrária do país: monocultura, latifundiária e produtora de commodities para o mercado externo.

Diante desse quadro, a nossa entrevistada relata que a migração foi uma alternativa para sair desse quadro social. A vida na cidade não possibilitou soberania alimentar, porém ela entende que, em comparação com o passado, “as coisas ficaram mais fáceis para a gente, antes era muito difícil”. E quando refletiu sobre essa facilidade ela afirmou: “(...) Antigamente as frutas eram puras. Não usava agrotóxicos”. Fica claro que ela tem consciência da mudança dos hábitos alimentares e consegue identificar o que se perdeu. No passado, o “alimento era muito sadio. Já hoje se usa muito agrotóxicos e as pessoas ficam doentes. (...) Eu creio que muitas doenças que aparecem na gente vem desses venenos que colocam aí. Naquela época as pessoas não adoeciam tanto”. A memória seleciona o passado para construir experiências no presente. Nesse movimento percebemos como ela lidou com os processos de mudança. O passado, suas experiências,



formas de cultivo e relação com os alimentos, e uma estratégia para lidar com os novos hábitos alimentares.

5 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas possibilitou compreender como a alimentação, enquanto prática cultural, foi profundamente afetada pelo processo de modernização e urbanização no Norte de Minas. A migração, do campo para a cidade, gerou profundas mudanças nos hábitos alimentares.

As entrevistas revelam uma forte relação entre memória e alimentação, onde o passado é acionado como uma forma de resistência cultural frente às mudanças impostas. A crítica à alimentação moderna, baseada no consumo de alimentos processados e com agrotóxicos, dependente dos supermercados, evidencia uma saudade dos tempos em que a alimentação era vista como mais natural e saudável. Essa nostalgia, no entanto, não esconde as dificuldades enfrentadas no passado, como a insegurança alimentar e o trabalho precário.

A pesquisa mostrou também que a questão da terra e a estrutura agrária continuam sendo centrais para entender as desigualdades alimentares no Brasil. A falta de acesso à terra no passado resultou em exclusão social e fome, enquanto aqueles que possuíam terra gozavam de uma segurança alimentar que não encontraram após a migração para as cidades.

Por tanto, as mudanças nos hábitos alimentares são marcadas por uma tensão constante entre o velho e o novo, entre a tradição e a modernidade. Os entrevistados, ao recordarem suas experiências, revelaram como resistem às imposições de um sistema alimentar dependente, que embora mais acessível em termos de oferta, trouxe consigo uma série de problemas de saúde e perda de identidade cultural. O desafio, portanto, é buscar formas de resgatar e valorizar práticas alimentares tradicionais, garantindo ao mesmo tempo a soberania e a segurança alimentar em um contexto urbano.



REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. Rodrigues. Os caipiras de São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1983
- BRANDÃO, C. Rodrigues. Plantar, colher, comer. São Paulo: Editora Graal, 1981
- CARNEIRO, M. J. *Cidade e campo*: relações e contradições entre urbano e rural no Brasil contemporâneo. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- LE GOFF, J. História e Memória. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.
- MCMICHAEL, Philip. Regimes Alimentares e questões agrárias. SP: UNESP, 2016
- MOREIRA, Paulo César. Trabalho escravo no norte de Minas Gerais: um estudo de caso 1ª ed. – Belo Horizonte: Editora Minas Gerais, 2020.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral Como Arte da Escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: EdUSP, 2008
- SEBE, José Carlos. Memórias e Narrativas: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2021
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura . Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VEIGA, José Eli da. Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, SP: Editora Autores Associados. 2002